

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**QUANDO A URBANIZAÇÃO GERA EXCLUSÃO E PERDA
DE PRIVACIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO
NO BAIRRO, “POLANA CANIÇO”, NA CIDADE DE MAPUTO**

Candidato: Afonso Miguel

Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Agosto de 2015

**QUANDO A URBANIZAÇÃO GERA EXCLUSÃO E PERDA
DE PRIVACIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO
NO BAIRRO, “POLANA CANIÇO”, NA CIDADE DE MAPUTO**

Autor

Afonso Miguel

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

O Júri

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Afonso Miguel

Maputo, Agosto de 2015

Dedicatória

À memória da minha mãe, Albertina João.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos docentes de Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, pela forma sábia que me transmitiram os conhecimentos. Ao dr. Emídio Vieira Salomone Gune que para além de supervisor, é um profissional que admiro. Agradeço as suas sugestões e orientações, pois possibilitaram-me escrever este trabalho, obrigado por ter ensinado a Antropologia.

Agradeço a Deus todo poderoso por me ter iluminado nesta minha caminhada. Ao meu pai, Miguel Bata pelo carinho, muito amor e força para estudar. A minha esposa Ana Maria dos Anjos Macuecué, aos meus filhos Solange Deyne da Gertrudes Miguel, Sintia Karina da Gertrudes Miguel, Wilker Dário da Gertrudes Miguel e Rui Jorge dos Anjos Miguel, que conseguiram aguentar com tantas ausências do esposo e do pai no momento que tanto precisavam, devido a Faculdade. Agradeço ainda aos meus irmãos António Miguel; e José Miguel, minha prima Fátima Maria Preciosa, meus sobrinhos, Ilda Marinalda Filipe; Márcio Ricardo e Nádia Botelho. A minha sogra Carolina Mafuiane, pelo carinho, encorajamento, e força. A minha cunhada Ana Paula Macuecué, pelo encorajamento, e conversas académicas.

Agradeço também aos meus colegas da turma de “Antropologia 2010” pós-laboral, Arnaldo Marcelino, Elton Pinto, Florentina Ernesto Macuácuá, Gabriel Muchombe, Manuela Nhamatate, Mário Mangué, Neftal Tivane, Nivalda Cristina, pela partilha das angústias da vida académica e ajuda disponibilizada para a realização deste trabalho. Ao colega de serviço Arsénio Bonifácio, pelo carinho, encorajamento, e ter permitido que participasse em todos encontros com o meu orientador na hora de expediente.

Por fim agradeço aos informantes do presente estudo que partilharam suas experiências e transmitiram-me os seus conhecimentos para concretizar a presente Monografia. A estes e todos (a) s aqueles (a) s que de alguma forma, contribuíram para minha formação académica e ajudaram na realização do presente estudo.

O meu muito obrigado!

Resumo

O presente trabalho analisa o processo de urbanização num dos bairros da cidade de Maputo. Esse assunto tem sido discutido a partir de duas linhas de abordagens. A primeira analisa a história da urbanização, e a segunda analisa o processo quotidiano da urbanização. Se por um lado, essa literatura permite compreender a história da urbanização e seu dia a dia, por outro lado, fica por compreender as interações e as formas como elas ocorrem no processo de urbanização.

Para analisar as interações no contexto da urbanização, realizei um estudo etnográfico na zona que antes era designada por Polana Caniço e que recentemente ganhou um muro que separa a parte que continua a ser designada por Polana Caniço, que preserva a arquitetura anterior marcada por edifícios de um piso, e a parte designada por Sommerschild II, é composta por edifícios de mais de um piso.

Os dados do estudo permitem compreender que no local analisado o processo de urbanização ocasionou uma exclusão dos moradores do então bairro “Polana Caniço” que perderam a terra para a prática de agricultura e tiveram acessos habituais para saída do bairro, para trabalho ou lazer, bloqueados. Os dados permitem ainda compreender que com a edificação de moradias de mais de um piso, do lado da Sommerschild II os moradores da Polana Caniço experimentam um sentido de perda de privacidade uma vez que os moradores dos edifícios da Sommerschild II têm acesso, a partir de suas janelas e varandas, à parte privada dos residentes da “Polana Caniço”.

Palavras-chaves: Urbanização, exclusão, segregação e privacidade.

Índice

Declaração de Originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1.Introdução	6
2. Revisão da literatura	8
2. 1. Quadro teórico	10
2. 2. Conceitos.....	11
Urbanização	11
Privacidade.....	11
Exclusão.....	12
Segregação	12
3. Procedimentos Metodológicos.....	13
3.1 Processos de recolha e tratamentos de dados.....	13
3.2. Constrangimento no trabalho de campo	14
3.3. Perfil dos participantes do estudo	15
Tabela 1. Perfil dos moradores do bairro Polana Caniço “A”	16
Tabela 2. Perfil dos moradores do bairro Sommerchield II.....	16
4. Processo de urbanização no bairro Polana Caniço “A” “Q46”.....	17
4.1 Caracterização do bairro Polana Caniço “A” “Q46”	17
4.2 Uma história sobre o surgimento do bairro “Polana Caniço”	18
4.3 Exclusão e segregação no processo de urbanização	21
4.4 Senso de falta de privacidade no processo de urbanização.....	24
5. Considerações preliminares	27
Bibliografia	29

1.Introdução

O presente trabalho analisa o processo de urbanização num dos bairros da cidade de Maputo. Este estudo surge pelo facto de ter participado numa partida de futebol no bairro Polana Caniço “A” “Q46”, onde apercebi-me das várias discussões sobre a construção do muro. No final do jogo, os moradores reclamavam que não conseguem passar para outro lado devido ao muro existente que separa o bairro Polana Caniço e bairro Sommerschild II.

Diante desta situação interessei-me em perceber o que acontecia com a existência do muro e o surgimento do bairro Sommerschild II, procurei entender como a literatura trata do processo de urbanização. Dessa análise constatei que o processo de urbanização tem sido analisado a partir de duas linhas de abordagens, das quais, a primeira analisa a história da urbanização (Alves *et al* 2011; Amaral *et al* 2002; Machado *et al*1999). Esta abordagem permite compreender o modo da urbanização, mas perde de vista por não mostrar a estrutura organizacional da mesma.

Diferentemente da primeira, a segunda abordagem analisa o processo quotidiano da urbanização (Carlos 2009; Corrêa 1995; Diniz 2014; Ferreira e Fix, 1995; Guimarães 2008). Esta abordagem permite compreender como o espaço urbano é ocupado, mas perde de vista por não mostrar as relações interpessoais e as formas como elas gerem o espaço urbano.

Devido as limitações das abordagens, propus-me no presente trabalho realizar uma pesquisa etnográfica para compreender como os moradores do bairro Polana Caniço “A” “Q46”, pensam sobre a edificação do muro e o surgimento do bairro Sommerschild II. Neste trabalho olho o processo de urbanização a partir dos locais de estudo, e questiono o processo de urbanização.

Para analisar interações no contexto da urbanização, realizei um estudo etnográfico na zona que antes era designada por Polana Caniço e que recentemente ganhou um muro que separa a parte que continua a ser designada Polana Caniço, que preserva a arquitetura anterior marcada por edifícios de um piso, e a parte designada Sommerschild II e que é composta por edifícios de mais de um piso.

Os dados do estudo permitem compreender que no local analisado o processo de urbanização ocasionou uma exclusão dos moradores do então bairro “Polana Caniço que perderam terra para

prática de agricultura e tiveram acessos habituais para saída do bairro, para trabalho ou lazer, bloqueados. Os dados permitem ainda compreender que com a edificação de moradias de mais de um piso, do lado da Sommerschild II os moradores da Polana Caniço experimentam um sentido de perda de privacidade uma vez que os primeiros a partir de suas janelas e varandas têm acesso a parte da vida, que deveria ser privada, dos segundos.

O presente estudo é apresentado em cinco partes. Na primeira parte apresento a introdução e a problemática e na segunda parte apresento a revisão da literatura. Aqui discuto as abordagens que debatem o processo de uma forma mais detalhada e, apresento o quadro teórico e conceptual. Na terceira parte apresento os procedimentos metodológicos. Nesta parte, apresento os processos de recolha de dados utilizados durante a presente pesquisa exploratória. Na quarta parte apresento e discuto os dados recolhidos durante o trabalho etnográfico. Na quinta e última parte, apresento as considerações preliminares do presente estudo.

2. Revisão da literatura

Na revisão de literatura o assunto tem sido discutido dentro de duas linhas de abordagens, das quais, uma que analisa a história da urbanização, e a outra que analisa o processo cotidiano da urbanização.

A primeira abordagem explica que urbanização tem a ver com os primeiros núcleos de povoamento urbano como consequência da expansão da indústria Machado (1999). A segunda abordagem destaca a expansão do espaço urbano e pela integração de área rural (Carlos 2009; Ferreira 1995).

A primeira abordagem considera que a urbanização e o povoamento estão associados no sistema de povoamento nas cidades Machado (1999).

Na mesma linha do pensamento encontramos Brito (2007) afirma que os primeiros núcleos de povoamento urbano, tiveram como consequência a expansão da indústria. E o mesmo autor caracteriza essa fase de povoamento dos espaços urbanos como um momento de conflito e incerteza de pessoas de classe baixa. Para o autor os imigrantes eram expulsos nos seus espaços agrários nas suas regiões de origem.

De acordo com a primeira abordagem, este povoamento processa-se sempre nas margens dos rios. Nesta fase os indivíduos centram-se mais na busca de melhores condições de vida (Marques *et al* 2005).

Como se pode perceber, para esta abordagem a origem da urbanização, a industrialização é determinante na aglomeração de pessoas. Se por um lado, esta abordagem permite compreender como os espaços urbanos foram constituídos ao longo do tempo, por outro lado, perde de vista por não mostrar a estrutura organizacional da mesma.

Na mesma abordagem encontramos Corrêa (1995) diferentemente de (Amaral *et al* 2002) fala da migração para caracterizar o processo de povoamento como um processo social que vai além de

mercado de trabalho, no plano económico. O autor no seu estudo no espaço urbano, constatou que a migração é necessária e funciona para modernização da sociedade.

Diferentemente da primeira abordagem, a segunda abordagem concebe urbanização como um processo que vai mais além das áreas industriais até as áreas residenciais. Esta abordagem apresenta duas linhas de análise. Para a primeira linha, a urbanização é marcada pela expansão da industrialização a partir da acumulação do capital proveniente da agricultura, produzindo periferias a partir da imposição da cidade (Gonçalves 2013; Diniz 2014). E a segunda linha de análise, o processo de urbanização tem como base a valorização do espaço urbano.

Para a primeira linha de análise a urbanização vai revelar que as grandes periferias urbanas são consequência da desordem urbana, que teve como origem o processo de industrialização. Um dos autores que representa é Gaspar (2005) defende que a cidade industrial segmenta-se em bairro de exclusão, separando as classes abastadas das camadas populares.

Alves (2011) nos seus argumentos parte do princípio que o processo de urbanização criado pela industrialização, é responsável por estabelecer deficiências nas condições de vida para classes mais pobres, e desta forma não mostra o momento em que essa classe se torna pobre.

Entretanto Beltrão *et al* (2000) delimita as zonas onde se concentrava as classes mais pobres e mostra que as classes mais pobres viviam na periferia, nas casas sem condições de habitabilidade. Clark, citado por Ipea Code (2011) explica que o espaço urbano contribuiu no processo de formação nos comportamentos dos vários grupos nas cidades, independentemente da sua localização.

A primeira linha, apesar de partir do povoamento, industrialização na definição da urbanização, em relação a primeira abordagem por considerar que a urbanização é reflexo da indústria, pois, criou dois grupos, um a viver em boas casas e o outro, a viver em casas precárias.

A partir da explicação de Machado (1999) torna-se problemático ao considerar que todo povoamento da população urbana dá origem a urbanização, pois desta forma se pressupõe que o

processo de urbanização é explicado da mesma forma em todas sociedades, e perde de vista por não compreender outros aspectos presentes na zona urbana para além do poder económico.

Na mesma linha de Machado, Pumaio (1995) mostra que é problemático partir do povoamento urbano para definir o processo de urbanização ao afirmar que” a urbanização e povoamento estão associados as vilas e cidades”.

Como se pode perceber Pumaio (1995) e Machado (1999), mostram que para que haja urbanização deve haver povoamento urbano provocado pela industrialização, deste modo é problemático partir do princípio de que todo povoamento urbano origina o processo de urbanização, pois torna o processo universal.

Na mesma linha Mendes (2008), constatou que a hegemonia do espaço urbano, as contradições já não são mais localizadas entre cidades e campo mas sim instalaram-se no interior do fenómeno urbano.

O solo e a habitação são transformados em mercadoria, seu consumo só aumenta, visto que fazem parte das estratégias do grande capital imobiliário e financeiro contribuindo para a produção e reprodução do espaço urbano. O olhar a partir do espaço urbano, permite perceber que vamos encontrar a concentração de um determinado grupo social em área específica, e outro grupo a viver em grandes periferias.

De forma geral os debates sobre urbanização, são baseados na história de urbanização e da análise do processo quotidiano da mesma, essa explicação permite compreender o modo de urbanização, entretanto, fica por compreender outros aspectos presentes na zona urbana.

2. 1. Quadro teórico

A presente pesquisa adota a teoria de estratificação social, para compreender o processo de urbanização no bairro Polana Caniço. Esta teoria permite compreender as desigualdades sociais entre pessoas e grupos, permitindo identificar a posição que cada um deles ocupa na estrutura social Weber (1974), citado por Lopes (2012).

A proposta de estratificação social, refere á disposição hierárquica dos grupos ou indivíduos numa escala Lopes (2012). Assim, a teoria de estratificação social ocupa-se em compreender a maneira pela qual os indivíduos se reproduzem socialmente.

A posição dos vários grupos na estrutura social, identificam-se pelo papel que têm na organização do trabalho, e daí, pelo volume, pelo modo de ganhar e pelo modo de empregar a porção de riqueza de que dispõem.

2. 2. Conceitos

Ao longo deste trabalho operacionalizam-se quatro conceitos - chave, a saber: privacidade, segregação, exclusão e urbanização.

Urbanização

Um dos autores que subscreve o conceito de urbanização é Machado (1999), citado por Amaral *et al* (2001), defini como o modo da população urbana e como elemento organizador da estrutura urbana. Esta explicação permite compreender que a urbanização, é um modo de organização mas perde de vista por não mostrar outros aspectos presentes na zona urbana.

Perante a limitação que o conceito de Machado (1999) apresenta nesta pesquisa recorro a Brito (2007) que define a urbanização como um sistema integrado, hierarquizando e diversificando se constitui em um espaço social estruturando segundo os interesses dos actores sociais.

Privacidade

Privacidade é definida como o afastamento temporário e voluntário de um indivíduo da sociedade em geral e que consiste em controlar o quão se está acessível, Pupulin & Sawada (2010). Esta explicação permite compreender o isolamento que o individuo pode ter com um certo grupo de pessoas, mas perde de vista o meio onde está inserido esse individuo.

Perante a limitação que o conceito de Pupulin & Sawada (2005) apresenta recorro a Lima (2005) que define a privacidade como o que a pessoa vive individualmente, sem que isso seja de

conhecimento da sociedade ou da vida pública, conceito que acho apropriado para captar o que acontece no contexto do estudo.

Exclusão

Giddens (2008), vê exclusão social como as formas pelas quais os indivíduos podem ser afastados do pleno envolvimento na sociedade.

Enquanto isso Sposati (1998), considera que exclusão social como viver em precária qualidade de vida urbana, provocada pela segregação espacial da pobreza com poucos serviços instalados e difíceis condições de acesso aos serviços. Vivência sob situação de sofrimento e violência sob crise social.

Segregação

É neste sentido que Marques (2005) define a segregação como grau de concentração, no espaço de uma categoria social com relação á outra, sendo que ambas as categorias se delimitam analiticamente. Esta explicação permite compreender como o espaço está organizado mas perde de vista por não mostrar o meio onde está inserido esse espaço.

Perante a limitação que o conceito de Marques (2005) apresenta nesta pesquisa Negri (2008), e Neto (2009) consideram a segregação como uma diferenciação económica social e espacial no espaço urbano. Na segregação social e espacial a classe alta controla e reproduz o espaço urbano de acordo com os seus interesses.

3. Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho é de carácter exploratório, analisa o processo de urbanização num dos bairros da cidade de Maputo, este trabalho foi realizado em três fases complementares, nomeadamente, revisão de literatura, etnográfica e análise de dados.

A primeira fase teve início em Abril de 2013 e prolongou-se durante a realização do meu estudo, e consistiu na pesquisa bibliográfica sobre processos de urbanização, efectuada na biblioteca Brazão Mazula, na biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia e no Arquivo Histórico de Moçambique. Esse momento permitiu-me conhecer e familiarizar com algumas pesquisas realizadas no âmbito do processo de urbanização, que propus-me a analisar.

A segunda fase corresponde a pesquisa etnográfica que decorreu no mês de Julho de 2013, com o retorno ao campo para complementar as informações, de Janeiro a Outubro de 2014. Esse momento consistiu em realizar, observações participantes, entrevistas semi-estruturadas. Durante as entrevistas recolhi relatos sobre a vida dos participantes.

E a última fase decorreu entre Julho de 2013 a Outubro de 2014, e consistiu em análise e discussão de dados recolhidos durante a pesquisa exploratória, a análise dos dados consistiu na selecção e interpretação dos dados recolhidos ao longo da pesquisa exploratória, que me permitiu-me continuar a discutir aquilo que já foi estudado pelos autores lidos.

3.1 Processos de recolha e tratamentos de dados

As técnicas de recolha de dados usadas neste trabalho foram: observação participante, e entrevistas semi-estruturadas.

Para a recolha de dados primeiramente tive acesso a credenciais passadas pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. De seguida comecei por assistir algumas partidas de futebol no campo de futebol do bairro Polana Caniço”A”Q46, onde observei o quotidiano dos moradores. Este exercício permitiu-me estabelecer uma relação de proximidade com os participantes do estudo.

Nos meus primeiros dias de pesquisa no bairro Polana Caniço "A"46", limitei-me a ver e ouvir as conversas desenvolvidas naquele bairro. Posteriormente com base no que vi e ouvi, questionei as acções e os discursos dos participantes no estudo de modo a compreender o seu contexto, obtive através da observação e da audição, informações da vida quotidiana no bairro e em outras redes sociais a que estes moradores fazem parte assim como relações entre moradores e eventos do processo de urbanização.

Depois de um mês de campo tornou-se possível elaborar guião de questionários diários para conduzir as conversas. Os referidos guiões também ajudavam a construir uma história sobre o bairro Polana Caniço "A"46" com base no que vi e ouvi, permitiu-me que questionasse apenas o que acontece naquele contexto.

No processo de recolha de dados mantive conversas com secretário do bairro Polana Caniço "A"46", funcionários do conselho municipal, e funcionários do Distrito Urbano nº3 que me forneceram alguns dados e que me permitiram para a realização da minha pesquisa, como também conversas com alguns moradores, pois cada um destes tornou-se amigo do pesquisador. As referidas conversas contribuíram para que o pesquisador fosse convidado pelos alguns moradores para integrar em algumas equipas de futebol do bairro, e participar em diferentes contextos, partilhados entre eles. A participação nas partidas de futebol permitiu maior integração no grupo, e obtenção de maior informação sobre o assunto pesquisado.

O nível de aproximação do pesquisador levou com que alguns moradores aceitassem conversas particulares sobre o bairro. O material recolhido foi registado em um diário de campo.

3.2. Constrangimento no trabalho de campo

No processo da realização deste trabalho passei por três constrangimentos. Sendo o primeiro constrangimento é referente a como etnografar, e o segundo é referente a dois moradores do bairro em estudo, e o último é sobre as conotações negativas que tem o local da pesquisa.

Nos primeiros dias no processo de recolha de dados, fiquei vários momentos no bairro Polana Caniço "A"46", sem saber como elaborar perguntas, e nem como fazer observação do campo, e como forma de ultrapassar esta dificuldade fui assistir algumas partidas de futebol no campo do

bairro Polana Caniço e no campo de campus da Universidade Eduardo Mondlane, com o objectivo de conhecer um morador que me pudesse ajudar a entrar no bairro como pesquisador.

O segundo constrangimento ocorreu quando certo dia, fui abordado por dois moradores no local da pesquisa, e de imediato fui perguntado, o que estava a fazer naquele local, mas se estiver a namorar com uma moça do bairro, dar-me-iam uma lição, fiquei muito constrangido com esta situação mas este constrangimento foi superado na medida em que entenderem o objectivo que me levou até lá, e tornei-me mais tarde amigo deles com o andar do tempo.

O último constrangimento, senti nas várias vezes e nas conversas com amigos que afirmam que o bairro tinha pessoas muito perigosas, havia muitos assaltos, e como forma de superar este constrangimento, conversei com um colega do curso da antropologia que indicou-me um familiar que vive no bairro em estudo. Ele ajudou-me a inserir-me no bairro, ajudou-me também a fazer parte de uma equipa do futebol permitindo maior integração nos vários grupos e obtenção de maior informação de pesquisa por que as próprias partidas de futebol constituíam um espaço de debate sobre os diferentes assuntos partilhados por estes moradores, alguns moradores aceitavam conversas particulares e visitas as suas residências.

3.3. Perfil dos participantes do estudo

No trabalho etnográfico conversei com um total de vinte participantes, com idades compreendidas entre 36-77 anos e com níveis de escolaridade entre 1ª classe, a nível superior. Quanto as ocupações as mesmas variam de reformados, pescadores, domésticas, funcionários públicos e empresários.

Parte deles vive no bairro Polana Caniço "A'Q46" na cidade de Maputo e outra no bairro Sommerschild II, na cidade de Maputo. No presente estudo uso nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. A tabela abaixo apresenta de modo detalhado o perfil dos participantes do estudo.

Tabela 1. Perfil dos moradores do bairro Polana Caniço “A”

Nome	Idade	Escolaridade	Filhos	Estado Civil	Residência
Alfredo	77 anos	2ª classe	5	Solteiro	Polana Caniço “A”
Fumo	65 anos	1ª classe	6	Casado	Polana Caniço”A”
Cuna	60 anos	2ª classe	4	Solteiro	Polana Caniço “A”
Rungo	60 anos	3ª classe	5	Solteiro	Polana Caniço”A”
Balate	65 anos	2ª classe	7	Solteiro	Polana Caniço”A”
Mabjaia	74 anos	3ª classe	5	Casado	Polana Caniço”A”
Manicusse	66 anos	2ª classe	4	Viúvo	Polana Caniço”A”
Cháuque	57 anos	1ª classe	3	Casado	Polana Caniço”A”
Nhampossa	65 anos	3ª classe	4	Casado	Polana Caniço”A”
Matavele	40 anos	10ª classe	3	Casado	Polana Caniço”A”
Mafume	43 anos	7ª classe	3	Viúvo	Polana Caniço”A”
Rafael	42 anos	6ª classe	3	Solteiro	Polana Caniço”A”
Maria	44 anos	5ª classe	4	Solteira	Polana Caniço”A”
Machava	68 anos	10ª classe	5	Solteiro	Polana Caniço”A”
Materula	65 anos	4ª classe	3	Viúvo	Polana Caniço”A”
Muianga	60 anos	3ª classe	5	Solteiro	Polana Caniço”A”
Eugénio	40 anos	7ª classe	3	Solteiro	Polana Caniço”A”
Hélder	45 anos	8ª classe	3	Solteiro	Polana Caniço”A”
Nhabete	55 anos	6ª classe	5	Solteiro	Pojana Caniço”A”

Tabela 2. Perfil dos moradores do bairro Sommerchild II

Nome	Idade	Escolaridade	Filhos	Estado Civil	Residência
Valgy	50 anos	Nível superior	4	Casado	B. Sommerchild II
Amaral	60 anos	Nível superior	3	Casado	B. Sommerchild II
Amisse	60 anos	Nível Médio	4	Casado	B. Sommerchild II

4. Processo de urbanização no bairro Polana Caniço “A” “Q46”

Neste capítulo apresento os resultados do estudo em quatro partes. Na primeira parte caracterizo o bairro Polana Caniço”A”Q46, na segunda apresento o surgimento do espaço urbano, na terceira parte apresento o processo de urbanização como exclusão e segregação na última parte apresento o senso de falta de privacidade no processo de urbanização.

4.1 Caracterização do bairro Polana Caniço “A” “Q46”

O presente subcapítulo traz o espaço físico ocupado pelo bairro Polana Caniço”A”Q46”, e um breve historial do seu surgimento dando a conhecer os moradores e os diferentes autores envolvidos nas dinâmicas do bairro Polana Caniço”A”Q46”, com objectivo de contextualizar a história sobre a dinâmica deste bairro.

O bairro Polana Caniço ”A” encontra-se localizado no Distrito Municipal Kamaxakeni, a norte faz fronteira com o bairro Polana Caniço”B”, este com o bairro Maxaquene”C”, no sul faz fronteira com os bairros da Coop e da Sommerschield I, tem uma população de cerca de 45.608 habitantes, neste momento existem cerca de 7.721 familiares, sendo 21.659 pessoas do sexo masculino, e 23.024 do sexo feminino.

O bairro está organizado em 77 quarteirões e 2 anexos, e o bairro Sommerschield II pertence ao quarteirão 49, este bairro pertence ao governo de Distrito Municipal Ka Maxakene, possui um secretariado do grupo dinamizador em que encontramos a seguinte estrutura: secretária do bairro que é autoridade máxima do bairro, conselho consultivo constituído por vinte e duas pessoas, (agente económicos, associação dos médicos tradicionais, e instituições religiosas, a organização da mulher moçambicana (OMM) e a organização da juventude moçambicana (OJM), respondem pela área social, existem ainda chefes de quarteirões e de dez casas.

A secretária do bairro é a interlocutora do governo, e coordenadora de todos os trabalhos do bairro em colaboração com os chefes de dez casas, e de quarteirão, resolve todos os problemas existentes no bairro e por sua vez deve explicação á administração do distrito Kamaxakene. O bairro tem duas (2) escolas nomeadamente, Escola Primária Completa Polana Caniço e Escola Comunitária, e um Hospital Privado.

4.2 Uma história sobre o surgimento do bairro “Polana Caniço”

Nesta secção pretendo mostrar como surgiu o bairro Polana Caniço, trazendo alguns trechos das conversas com os moradores deste bairro. Como pude perceber na conversa com Alfredo de 77 anos que afirmou:

Quando cheguei nesta zona, não havia muitas casas, das que lá existiam estavam dispersas, tudo isso era mato, a pessoa escolhia o lugar para construir sua casa, ou fazer machamba, e íamos a pé a pesca (Alfredo, 77 anos).

Como podemos notar, o Alfredo vive no bairro há mais de 40 anos, e quando chegou, existiam casas muito distantes uma das outras. A semelhança de Alfredo, Fumo afirmou que:

Eu trabalhava na África do Sul, e em 1969 tive que voltar para casa porque o meu pai encontrava-se muito doente, passado uma semana perdeu a vida. Ele trabalhava no Hospital Miguel Bombarde, onde fui convidado a ocupar lugar do meu pai e não voltei mais a trabalhar na África do Sul, também tive que ocupar um dos espaços deixados por ele. É onde que estou a viver até hoje (Fumo, 70 anos guarda reformado do Hospital Central de Maputo).

Vim parar este bairro a convite dum amigo de infância que veio a Lourenço Marques a procura do emprego, acolheu-me na sua casa. Depois de conseguir o emprego, o mesmo cedeu-me um espaço que servia de machamba para construir a minha casa (Cuna, 67 anos reformado dos Caminhos de Ferro de Moçambique).

Vivo neste bairro há mais de trinta anos, vim da província de Inhambane, sai da minha terra devido a guerra, vim de machimbombo, quando cheguei a Maputo, o meu tio estava a minha espera na terminal de autocarros na Romos, fomos a pé até ao bairro Polana Caniço “A” onde vivia o meu tio, levou-me ao chefe de dez casas para apresentar-me como novo morador, que me atribuiu o talhão. Eu como era pescador lá na terra, vim continuar com a minha profissão, e na altura

não havia nenhuma barreira para ir até a praia, pescávamos na zona de Miramar, deixávamos nossas redes, nossos barcos assim como vendíamos nosso peixe no mesmo sítio (Rungo, 60 anos, pescador).

Com as conversas acima citadas, percebe-se que o bairro da Polana Caniço “A”, cresceu ao longo do tempo, e que inicialmente era constituído por casas muito dispersas entre si, de machambas e terrenos que os moradores designam por mato. Um outro participante do estudo, revelou o seguinte:

Estou nestes bairros há bastante tempo, mais de vinte oito anos, vim da província de Gaza, fugi da guerra, os meus pais falaram com um senhor vizinho que já vivia em Maputo, a quando da sua estadia em Gaza, quando cá cheguei, o tal estava a minha espera na terminal de autocarros na antiga Oliveiras. Levou-me até a casa dele no bairro Polana Caniço “A”, apresentou-me ao chefe de dez casas como novo morador. Eu como não estudei e sem profissão, tive que dedicar-me a venda do pão no mercado Carimo. Mais tarde fui atribuído talhão, onde fiz a minha pequena casinha (Balate, 65 anos).

Alguns dos moradores do bairro da Polana Caniço “A”, são provenientes das províncias diferentes de Maputo, que vieram na época colonial e a fugirem da guerra e fixaram-se neste bairro por ser próximo da praia que é onde pescam, e foram recebidos e atribuídos terrenos naquele bairro por amigos, e familiares mais antigos do bairro.

Após a independência em 1975, o bairro da Polana Caniço “A”, passa a ter uma estrutura, constituída por secretário, chefe de quarteirão e de dez casas, como mostra o seguinte depoimento:

A maior parte das pessoas vinham das províncias eram recebidos e alocados pelo chefe de quarteirão, este por sua vez encaminhava a informação ao secretário do bairro, foi dessa maneira que o bairro Polana Caniço “A”, tornou-se populoso (Mabjaia, 74 anos, motorista reformado).

Nesta conversa, indica-nos que o bairro da Polana Caniço “A” após a independência tinha uma estrutura. E a partir deste momento, os talhões deste bairro deixaram de ser atribuídos e passaram a ser vendidos como mostra a conversa com Manicussi:

A partir deste momento, os talhões já não são distribuídos para os moradores mas sim, a estrutura do bairro e algumas pessoas do bairro, começam a venderem talhões, excluindo assim grande parte dos moradores do bairro Polana Caniço “A” por não ter o poder de compra ou para sua aquisição e em contrapartida as pessoas com um poder económico maior que não vivia no bairro, consegue comprar os talhões (Manicusse, 66 anos, professor reformado)

A partir do momento que os talhões passam a serem vendidos, estes só podem ser adquiridos por pessoas com poder económico. Como consta na conversa que se segue,

Apareceu um senhor que vivia no bairro Sommerschield I, fez-me proposta para ficar com meu talhão e como tinha dois talhões, vendi um mas muito bem vendido (Cháúque, 57 anos, pescador).

Comprei o meu talhão com Luis Mabjaia, fui ao conselho Municipal regularizar, deram-me uma planta da construção de dois pisos (Valgy, 50 anos, morador do bairro Sommerschield II).

A semelhança de Valgy, Amaral afirmou que:

Soube que no bairro Polana Caniço “A” havia talhões a venda, falei com a minha empregada doméstica que vive no bairro, essa por sua vez indicou o Luis Muchanga, vendeu-me, fui ao Circulo para fazer a regularização do talhão fui Conselho Municipal para tratar do título de propriedade, deram-me um a planta de dois pisos para construção (Amaral, 60 anos empresário).

Esta conversa permitiu-me perceber a história da transformação de parte do bairro Polana Caniço “A” em Sommerschield II, onde a partir da independência, o bairro da Polana Caniço “A”, passa a ter uma estrutura, e os talhões deixam de ser atribuídos, passam a serem vendidos pelos membros dessa mesma estrutura. Amice um dos moradores da Sommerschield II, contou-nos a razão da construção do muro ao afirmar que:

Nós decidimos construir o muro antes das casas porque os moradores do bairro Polana Caniço “A”, são ladrões, bandidos e eles seriam capazes de acabarem com o nosso material de construção e com o muro protege-nos (Amice, 60 anos gerente do banco).

Como se pode notar, os novos proprietários do espaço em causa priorizaram a construção do muro antes das suas casas, estes tomaram esta decisão de construir o muro antes das residências para protegerem-se dos moradores do bairro da Polana Caniço, que são considerados por estes, ladrões, bandidos e que poderia roubar-lhes o material de construção como mostra a seguinte conversa,

Nesta secção percebi como surgiu o bairro da Polana Caniço “A” e como parte desta transferência em Sommerschield II. O bairro da Polana Caniço “A”, é composto por maior parte de pessoas que veio das províncias fora de Maputo, ao chegarem neste bairro, foram atribuídos terrenos, e após a independência, o bairro passou a ter uma estrutura, e a partir desse momento os talhões passaram a serem vendidos pelos membros dessa mesma estrutura, e esses novos talhões vendidos, é onde surge o bairro Sommerschield II.

4.3 Exclusão e segregação no processo de urbanização

Nesta secção pretendo mostrar como se manifesta a exclusão no processo de urbanização. O processo de exclusão e segregação começa com o processo de construção do muro pelos moradores da Sommerschield II, que separa este bairro com a Polana Caniço “A”. Amice um dos moradores da Sommerschield II, contou-nos a razão da construção do muro ao afirmar que:

Nós decidimos construir o muro antes das casas porque os moradores do bairro Polana Caniço “A”, são ladrões, bandidos e eles seriam capazes de acabarem com o nosso material de construção e com o muro protege-nos (Amice, 60 anos).

Em conversa com os participantes do estudo, percebi que os talhões da então Polana Caniço “A” custavam um valor muito elevado e por este motivo, estes só podiam ser adquiridos por pessoas com um “certo” poder económico. Em conversa com um dos participantes afirmou que:

O processo de adquirir talhões torna-se um pouco difícil para as pessoas quaisquer, dando-se mais prioridade as pessoas com posse. Por exemplo, José Maria Lemos, dono duma loja no Maputo Shopping, comprou dois talhões na família Tivane e Mangué (Nhampossa, 65 anos).

A semelhança com Mário Nhampossa, Marcos Matavele, conta-nos o seguinte.

Apercebi-me que o mesmo espaço já havia sido atribuído um fulano com muita mola que é funcionário do Banco de Moçambique, vendeu a um bom valor (Matavele, 40 anos).

O surgimento do novo bairro implicou para os moradores da Polana Caniço “A”, a perda de alguns espaços de recreação, venda de peixe, lugar onde guardavam material da pesca, e caminho para pesca, machambas, e espaços na praia, como pode perceber na conversa que se segue,

Com o surgimento deste novo bairro, fomos arrancados espaços que eram de convívio, tínhamos espaços para futebol, pequenas machambas, tínhamos um espaço onde funcionava Associação de amigos de Polana Caniço “A”, e quem entregou estes espaços foram responsáveis da associação, em conexão com a estrutura do bairro Enquanto, (Mafume, 43 anos professor).

Mais uma vez com esta conversa, percebe-se que os membros da estrutura do bairro, vendem os espaços e com isso, os moradores perdem alguns espaços. A semelhança do Mafume, Cossa contou- nos,

Fomos vedados acesso, dantes descíamos direito á praia mas agora somos obrigados a dar voltas, apanhamos transporte até Xiquelene, e de Xiquelene para Costa do Sol (Cossa, 39 anos pescador).

Antes da construção do muro, íam directo a praia, era só descer, os moradores da Polana Caniço “A”, já não frequentam os lugares que antes frequentavam antes porque os preços dos produtos desses lugares subiram e estão mais ao seu nível económico, e eles sentem-se desprezados. como refere Rafael,

Antes nós brincávamos naquela zona, mas agora já não porque nos espaços de convívio são aplicados preços que não vão de acordo com aquilo que é nossa realidade. Nós estamos habituados a tomarmos três cem e lá uma cerveja está a setenta e cinco meticais, como senão bastasse pequena (Rafael, 42 anos).

Por sua vez os moradores da Sommerschild II, afirmam não frequentam o bairro da Polana Caniço “A” mas não rejeitam quês estes não frequentem o bairro, como afirma a Maria,

Nós os moradores do novo bairro nunca vamos ao bairro da Polana Caniço “A” para a questão de convívio social mas em contrapartida um e outro daquele sitio tem vindo conviver aqui neste espaço (Maria, 44 anos empregada doméstica).

Os moradores do bairro da Polana Caniço “A”, sentem-se desprezados pelos moradores da Sommerschild II, pois, estes olham com desdém, quando afirmam o seguinte,

Os novos moradores olham para nós com desdém, acham o facto de terem muito dinheiro, são superiores e olham para nós como pobres, ladrões, bandidos, por isso que justificavam a construção do muro, (Machava, 68 anos, pescador).

Além do muro, há um outro espaço que nós sentimos excluídos e desprezados, ao perdermos também um espaço na praia, onde deixávamos nossas redes, barcos e onde vendíamos nosso peixe, devido a requalificação que o local teve, foi construído o Hotel Holiday na zona de Miramar, deixando-nos sem lugar para a prática da nossa actividade (Matavele, 65 anos, pescador).

Queixam-se ainda da perda do espaço de pesca que foi usado para construção de algumas instâncias turísticas, e ainda a perda de local de venda de peixe como mostram os seguintes depoimentos a seguir,

Mas o único lugar que restou para essas pessoas que saíram da praia de Miramar, era o mercado do peixe, mas também este lugar não é suficiente para absorver a todos, o mercado acolheu menos pessoas onde a maioria deixa de ter espaço de venda do seu peixe, que implicou ganhar menos ou não conseguir vender. Trazendo implicações nas suas vidas porque já não alimentam convenientemente as suas famílias. A presença no mercado do peixe da polícia, Municipal nos intimida porque a polícia não permite que nós possamos vender o nosso peixe fora do mercado, as vezes somos aplicados multas elevadas, acarretando assim conseqüências incalculáveis nas nossas vidas. (Muianga, 60 anos, pescador).

Se por um lado, os moradores da Polana Caniço “A”, reclamam da exclusão e segregação, por outro lado, os moradores da Sommerschild II, acham que devem estar em sítios protegidos, altas residências e bem valorizadas por estarem próximo da praia.

4.4 Senso de falta de privacidade no processo de urbanização

Nesta secção mostro que os moradores do bairro da Polana Caniço “A” sentem-se a perderem a sua privacidade, pelo facto de não poderem mais fazer as suas tarefas que anteriormente faziam, tais como cozinhare, ficarem nos quintais, ficarem sem camisa, pois as residências da Sommerschild II, são de mais de dois pisos. Como nos mostra nesta conversa com Eugénio Ntimane, que nos descreve,

Nós agora já não temos a privacidade, tomamos banho e necessidade arrasca porque a minha casa de banho é precária, os nossos vizinhos do novo bairro tem casas de primeiro a dois pisos (Eugénia, 40 anos doméstica).

Uma narrativa semelhante a da Eugénia foi nos dado por Hélder como ele refere,

Aos finais de semana esses que vivem nos prédios passam a vida nas suas varandas e somos obrigados a tomar banho de noite porque as nossas casas de banho não têm cobertura (Hélder, 45 anos professor).

Neste depoimento pude perceber, por um lado, as casas do bairro Polana Caniço “A”, são de construção com material local, são de rés-de-chão, as casas de banho não são cobertas e por outro lado, as de Sommerschild II, são mais de dois pisos, com isso os moradores da Polana Caniço “A”, acham que ficam expostos á vista dos da Sommerschild II, facto que contribui para que estes moradores da Polana Caniço “A” não se sintam a vontade para fazerem suas tarefas do dia-a-dia.

As pessoas que vivem nestes prédios, passam a vida a rirem-se de nós quando estivermos nos nossos quintais, nas nossas cerimónias, ou ao tomarmos banho, tiram-nos fotografias, filmam-nos (Rosária, 56 anos professora reformada).

Eu já não posso ficar no meu quintal sem camisa, porque existem pessoas feitas de pássaros la em cima a olharem para nós (Nhabete, 55 anos motorista).

Os moradores do bairro da Polana Caniço “A” para além de descreverem que os moradores Sommerschild II, ficam sempre a espreitar-lhes, não cozinham e não podem ficar nas suas casas sem camisas, e usar as casas de banho a vontade, descrevem ainda um cenário em que os moradores da Sommerschild II, despejam água suja nos seus quintais e como consequência estes não podem confeccionar as suas refeições no quintal, como mostra a conversa que se segue,

Eu vivo em baixo do prédio, há uma empregada estúpida do segundo andar que tem lançado água suja para meu quintal e as vezes ficamos com medo de cozinhar fora porque não sabemos que tipo de água se trata, se é da casa de banho ou da cozinha. Já falei com os donos da casa mais de duas vezes mas a coisa continua (conversa,06.06.14 Natália).

A conversa com a Natália, mostra-nos que pelo tipo de casas da Sommerschild II, são de mais de dois pisos, os quintais dos moradores do bairro Polana Caniço “A”, ficam expostos á vista dos moradores da Sommerschild II.

Como podemos ver nesta secção os moradores do bairro da Polana Caniço “A” acham que sentem-se sem senso de privacidade, pois com o surgimento do bairro da Sommerschild II com residências de mais de dois pisos, estes já não podem usar as suas casas de banho a vontade, ficar sem camisa, e cozinhar no quintal, pois, acham que são vistos pelos moradores da Sommerschild II quando ficam nas varandas.

5. Considerações preliminares

O presente trabalho analisa o processo de urbanização num dos bairros da cidade de Maputo. Esse assunto tem sido discutido a partir de duas linhas de abordagens. A primeira abordagem analisa a história da urbanização (Alves *et al* 2011; Amaral *et al* 2002; Camarano e Beltrão 2000, Hogan *et al* 1986. Esta abordagem permite compreender o modo da urbanização, mas perde de vista por não mostrar a estrutura organizacional da mesma.

Diferentemente da primeira, a segunda abordagem analisa o processo quotidiano da urbanização (Carlos 1996; Corrêa 1995; Diniz 2014; Ferreira e Fix 1995; Gonçalves 2013). Esta abordagem por um lado, permite compreender como o espaço urbano é ocupado, por outro lado fica por compreender as relações interpessoais e as formas como elas gerem o espaço urbano.

Diante das limitações das abordagens de não mostrarem as relações interpessoais e as formas como elas gerem o espaço urbano, realizei um estudo etnográfico numa zona que antes era designada por Polana Caniço, mas recentemente sofreu uma divisão marcada por um muro. Uma parte continua a ser designada por “Polana Caniço”, que preserva construções de um piso feitas de material local e com casas de banho sem cobertura e a outra parte passou a ser designada por Sommerschild II, composta por edifícios com mais de um piso.

Os dados do estudo permitem compreender que no local analisado o processo de urbanização ocasionou uma exclusão dos moradores do então bairro “Polana Caniço que perderam terra para prática de agricultura e tiveram acessos habituais para saída do bairro, para trabalho ou lazer, bloqueados. Os dados permitem ainda compreender que com a edificação de moradias de mais de um piso, do lado da Sommerschild II os moradores da “Polana Caniço” experimentam um sentido de perda de privacidade uma vez que os primeiros a partir de suas janelas e varandas têm acesso a parte da vida, que deveria ser privada, dos segundos.

Neste estudo os autores sociais olham a urbanização como exclusão, segregação e senso de falta de privacidade. Este dado encontrado no terreno contraria com que é referenciado na literatura, que olha o processo de urbanização a partir de edifícios.

Como fruto dessa pesquisa percebi que ocorre em três etapas, a primeira aborda o surgimento do bairro Polaina Caniço, conclui que os residentes do bairro afirmam que surgimento do bairro Polana Caniço “A” tem a ver com a herança e outras pessoas dizem que foram atribuídas pela estrutura do bairro e os moradores da Sommerschield, referem que conseguiram obter o espaço através da compra com alguns moradores nativos.

Quanto a exclusão conclui que o grupo de moradores da Polana Caniço “A”Q46”, afirma que ficou sem o acesso a recursos como; produtos que tiravam nas machambas e venda de lenha, pois, são obrigados a terem que apanharem chapa para irem pescar na praia, e também o processo de adquirir talhões tornou-se um pouco difícil para as pessoas quaisquer, dando-se mais prioridade as pessoas com posse, o grupo da Sommerschield II, afirma que ao adquirirmos espaço urbano, o Conselho Municipal atribuída uma planta para construção das casas, e ao mesmo tempo devia construir um muro.

E no que diz respeito o senso de falta da privacidade, conclui que os moradores da Polana Caniço “A”, reivindicam o facto de existirem casas com mais de um piso em frente das suas, pois, não tomam banho, não cozinham e não realizam suas cerimónias a vontade porque acham que têm sempre pessoas a lhes espreitarem, e por sua vez o grupo da Sommerschield afirma que, fica nas varandas para refrescar e conversar.

Esses resultados permite-me compreender que o processo de urbanização, trouxe uma divisão dos dois bairros e senso de falta de privacidade porque aqueles que vivem nas casas de um piso, sentem-se vulneráveis, pois, acreditam que os da Sommerschield II estão sempre nas varandas ou janelas a lhes espreitarem em tudo o que fazem, o muro representa para os participantes desta pesquisa a, exclusão e segregação, pois, não tem os acessos a terra para a prática de agricultura, e de vias de acesso e são obrigados a terem que apanhar transportes semi-colectivos para poderem chegar até a praia e pescarem.

O presente trabalho sendo de carácter exploratório permitiu produzir uma hipótese de trabalho que poderá servir de ponto de partida para futuras pesquisas.

Bibliografia

AJARA, C e MOTA, D. M. da. 2001. *Configuração da rede urbana do Brasil*.

ALVES, A. ET AL. 2011. *Êxodo e sua contribuição á urbanização de 1950 a 2010*.

AMARAL, et al, 2002. *A urbanização recente no Brasil e as aglomerações: Metropolitanos*.

BARCELLA, M. e MAMMELLA, R. 2007. *“Significado dos condomínios fechado no Processo de segregação espacial nas Metrôpoles*.

BELTRAO, K. I. e CAMARANO, A. A. 2000. *Distribuição espacial da população Brasileira: Mudanças na segunda metade de século*.

BRITO, F. 2007. *Urbanização metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números*.

BRITO, F. 2009. *As migrações internas no Brasil: Um ensaio sobre os desafios teóricos recentes*.

CANANI, A. S. K. B. 2005. *Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil* “in Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11 n.23, p.163-175, Jan/Jun.

CARLOS, A. F. A, 2009. *A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea*.

CORREA, R. L. 1995. *O espaço urbano*.

FERREIRA, et al. 1995. *Sociologia*.

GASPAR, J. 2005. *Cidade e urbanização no virar do milênio*.

GASPAR, R. C. 2011. *A economia política da urbanização contemporânea*.

GIDDENS, A. 2008. *Sociologia*. 6ª Edição, Lisboa: FCG.

GUIMARÃES, A. C. 2008. *O lugar do comércio: um estudo antropológico sobre a sociabilidade no bairro*, Bacharel em Ciências Sociais. anacristinarg@gmail.com

IPEA, 2011. *Anais do I circuito de debates acadêmicos* “in A privatização do planejamento urbano pelos condôminos horizontais: um desafio em expansão.

JAENISCH, S.T. 2008. *Entre cercas, muros e alarmes: sobre o medo da violência urbana e a criação de espaços segregados a cidade*.

JORGE, S. e MELO, V. 2011. *Processos e dinâmica de (re) produção de espaços (peri) urbanos: o caso de Maputo*.

LOPES, M. R. 2012. *Estratificação social na teoria de Max Weber: Considerações em torno do tema*. Revista iluminante, ano IV nº9.

LIMONAD, E. 1999. *Reflexões sobre o espaço. O urbano e a urbanização*.

MACHADO, L. R e SANCHES, F. ”*segregação espacial e impacto socio ambientais: possíveis manifestações da degradação em novas paisagens urbanas*.

MARQUES, E. & SARAIVA, C. 2005. ”A dinâmica social das favelas da Região Metropolitana de São Paulo”, in E. Marques e H. Torres (orgs.), *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais: São Paulo, Senac*.

MELO, J.G. da, 2014. *Registro das dinâmicas espaciais dos manguezais no baixo curso do Capibaribe*.

MENDES, L, 2008. *Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana, contemporânea: o bairro da Cova da Moura na perspectiva de Lisboa*.

MUTOLO, P. 2005. “Ocupação nas zonas suburbanas da cidade de Maputo. Estudo do caso Polana Caniço” 1992-2005. Maputo.

NEGRI, SÍLVIO. 2008. “Colectâneas do nosso tempo”. *Rondonópolis-MT*, II (8): 129-153.

NETO, ARNALDO. 2009. “Deslocamentos urbanos e desigualdades sociais: um estudo do movimento diário da população do Belo Horizonte”. Dissertação do curso de mestrado do programa de pós-graduação em Sociologia. Faculdade de filosofia e ciências sociais da Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, CARDOSO DE, R. 2006. “Capítulo I: o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” in: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 17-36.

PUPULIM, J. S. L, SAWADA No. 2005. Exposição corporal do cliente no atendimento das necessidades básicas em UTI: incidentes críticos relatados por enfermeiras. Ver Latino-am Enfermagem.

SILVA, A. N da. 2011. *Dinâmica sócio espacial e produção habitacional na periferia de Moçambique a partir da década de 1970: destaque para os bairros Polana Caniço “A” e “B”*, Florianópolis.

SILVA, J. H. G. 2013. *Dinâmicas imobiliárias e reprodução do espaço no bairro planalto. Natal R/N: agentes, usos e conflitos*.

SPOSATI, A. 1998. *Exclusão social abaixo da linha do Equador*. São Paulo: PUC.